

Juvenal: o crime do mito e o crime contemporâneo

Mônica Costa Vitorino
monvit@letras.ufmg.br
Faculdade de Letras, UFMG

São poucas e incertas as informações sobre a vida de Juvenal, retiradas dos raros indícios autobiográficos presentes nas suas sátiras e de alguns epigramas dedicados a ele pelo amigo Marcial. Provavelmente o autor nasceu em um período compreendido entre 50 e 65 d. C. e morreu em um ano posterior ao 127 d. C. Juvenal fala pouquíssimo de si mesmo, da sua origem, das suas atividades e da sua vida quotidiana. As suas sátiras, contrariamente à consolidada tradição satírica que havia dado um amplo espaço aos elementos autobiográficos, fornecem apenas escassas informações sobre as circunstâncias da sua vida. O autor, diversamente de Lucílio e de Horácio, evitou falar de si e portanto muitos elementos que à primeira vista pareciam apresentar um tom de confidência pessoal revelaram-se em um segundo momento fictícios ou pelo menos discutíveis¹.

Juvenal, na primeira das suas sátiras, explicita as razões que o levaram a adotar a sátira como gênero literário. Tal procedimento não constitui uma novidade, inserindo-se em uma tradição iniciada pelos poetas satíricos que o precederam.

¹ A «teoria da *persona* satírica», ressuscitada por Anderson, gerou a necessidade de uma releitura e uma nova interpretação dos dados considerados, em um primeiro momento, indiscutivelmente autobiográficos na obra de Lucílio e de Horácio; hoje muitos estudiosos tendem a redimensionar a importância daqueles aspectos que mesmo sendo relevantes devem ser considerados de importância secundária na produção literária desses autores; cf. ANDERSON, W. S., *Essays on Roman Satire*, Princeton, 1982, pp. 3-10.

A partir de alguns fragmentos do livro XXVI de Lucílio, é possível estabelecer as intenções literárias desse autor. O poeta critica outros gêneros e aconselha os escritores a escreverem sobre fatos contemporâneos e não de épocas passadas:

Veterem historiam, inductus studio, scribis ad amores tuos
Lucil., XXVI, fr. 23 (Charpin = 612 M)²
A história antiga, guiado pela vontade, escreves aos teus amores.

Percrepa pugnam Popili, facta Corneli cane
Lucil., XXVI, fr. 26 (Charpin = 621 M)
Celebra a batalha de Popílio, canta os feitos de Cornélio.

Horácio, principalmente nas sátiras quarta e décima do primeiro livro, explica as suas inclinações: a ele convém escrever reflexões que lhe são sugeridas pela vida:

haec ego mecum
compressis agito labris. Ubi quod datur oti,
inludo chartis

Hor., *Serm.*, I, 4, 137-139
Essas coisas, com os lábios apertados, reflito comigo mesmo. Quando me é permitido algum ócio, divirto-me em folhas de papel.

Seguindo a mesma linha, Pérsio, nas suas sátiras, denuncia o mau gosto literário da sua época e a corrupção moral que a permeia, reivindicando para si o mesmo direito, concedido a Lucílio e a Horácio, de escrever através da sátira as suas críticas e antipatias:

seculi Lucilius urbem,
te Lupe, te Muci, et genuinum fregit in illis
omne uaffer uitium ridenti Flaccus amico
tangit et admissus circum praecordia ludit,
callidus excusso populum suspendere naso.
me nuttire nefas? nec clam? nec cum scrobe? nusquam?

² Os textos citados foram extraídos das seguintes edições: de Lucílio, CHARPIN, F., *Lucilius, Satires*, Paris: Les Belles Lettres, 1979; de Horácio, VILLENEUVE, F., *Horace, Épitres*, Paris: Les Belles Lettres, 1955; de Juvenal e Pérsio, CLAUSEN, W. V., *A Persi Flacci et D. Iunii Iuvenalis Saturae*, Oxford: Oxford University Press, 1988, 7 ed.

Pers., I, 114-119

Lucílio fustigou a cidade, e a ti, ô Lupo, e a ti, ô Múcio, e nestes meteu o dente. Sutil, Flaco toca todo defeito do amigo que entretanto se ri e bem acolhido nos corações zombeteia, hábil em fazer chacota do povo com elegância. E a mim não é consentido sequer resmungar? nem em segredo? nem dentro de um buraco? em lugar nenhum?

Seguindo os seus predecessores, Juvenal afronta a decadência da literatura e apresenta o seu primeiro poema tanto como um modelo do seu próprio método quanto como uma apresentação de si mesmo ao seu público. Ele inicia a sátira afirmando não querer fazer parte de uma corrente literária contemporânea³ que retoma os mesmos temas tantas vezes repetidos nem ter a intenção de adotar como gênero nenhum daqueles exibidos nas *recitationes*, os quais, segundo o autor, seriam de uma entediante futilidade:

*Semper ego auditor tantum? numquamne reponam
uexatus totiens rauci Theseide Cordi?
inpune ergo mihi recitauerit ille togatas,
hic elegos? inpune diem consumpserit ingens
Telephus aut summi plena iam margine libri
scriptus et in tergo necdum finitus Orestes?
nota magis nulli domus est sua quam mihi lucus
Martis et Aeoliis uicinum rupibus antrum
Vulcani; quid agant uenti, quas torqueat umbras
Aeacus, unde alius furtiuae deuehat aurum
pelliculae, quantas iaculetur Monychus ornos*

Juv., I, 1-11

Serei sempre um mero ouvinte? Por acaso nunca poderei vingar-me dos incômodos provocados tantas vezes pela Teseida do já rouco Cordo?

Impunemente, pois, recitou a mim um suas togatas, outro suas elegias? Impunemente terei perdido um dia com um Telefo interminável e com um Orestes que embora não acabado já ultrapassa todas as margens da folha?

Ninguém conhece tanto a própria casa como eu conheço o bosque de Marte e a caverna de Vulcano, vizinha às ilhas Eólicas. O que os ventos devem fazer, que sombras Éaco tortura, de onde um outro herói trará ouro sob uma pele roubada e quantos freixos silvestres Mônico lança.

³ Para uma análise da relação entre Juvenal e os gêneros literários em voga no seu tempo, cf. GÉRARD, J., *Juvénal et la réalité contemporaine*, Paris, 1976, pp. 72-103).

Tais gêneros seriam a épica, exemplificada pela *Teseida* de um certo Cordo⁴, já rouco, a *fabula togata*, a elegia e a tragédia, lembrada através dos nomes de Telefo e de Orestes. As críticas de Juvenal desejam atingir principalmente a poesia de temática mitológica e de estilo grandiloquente, ou seja a épica e a tragédia, consideradas por ele como uma fuga da realidade. Além da alta poesia, Juvenal ataca também a fábula togata e a elegia, que divertem o ouvinte com o mesmo intento evasivo.

O poeta demonstra-se cansado da vacuidade das produções literárias convencionais e da monotonia das *recitationes* nas quais eram apresentadas. Os gêneros mais tradicionais constituiriam para ele uma evasão fútil da realidade corrupta e seriam uma fuga do dever de denúncia proposto pelo poeta. Segundo Juvenal, a poesia do seu tempo se nutria sempre dos mesmos lugares comuns mitológicos. Mesmo se fosse escrita por um poeta de talento seriam sempre os mesmos os temas abordados:

expectes eadem a summo minimoque poeta

Juv., I, 14⁵

Esperes as mesmas coisas do melhor ou do pior poeta.

Após ter expresso a sua irritação em relação à literatura contemporânea, Juvenal confirma a sua intenção de escrever, afirmando ser um estúpido quem economiza a folha destinada ao uso. Ele elenca, através de uma série de orações introduzidas por *cum*, as justificativas que o constroem a escolher a sátira, distanciando-se da moda literária em voga. Juvenal, encontrando-se em meio a uma multidão de poetas que declamam as suas obras, pretende contra-atacar não com os costumeiros escritos

⁴ Sobre a polêmica *Cordus/Codrus*, cf. GRIFFITH, J. G., *Varia Iuvenaliana*, in *The Classical Review*, 1 (NS), 1951, pp. 138-142.

⁵ Aqui se pode observar uma certa ironia no uso enfático da palavra «*poeta*», colocada precisamente no fim do verso.

mitológicos da alta poesia, mas com sátiras. O poeta afirma que escreve sátira porque é impelido pela ira e pela indignação diante da iniquidade, da corrupção e da libertinagem reinantes na cidade. Na verdade, para o autor, somente a sátira seria o gênero adequado para enfrentar toda a problemática evidente na sociedade:

*cum tener uxorem ducat spado, Mevia Tuscum
figat aprum et nuda teneat uenabula mamma,
patricios omnis opibus cum prouocet unus
quo tondente grauis iuueni mihi barba sonabat,
cum pars Niliacae plebis, cum uerna Canopi
Crispinus Tyrias umeru reuocante lacernas
uentilet aestiuum digitis sudantibus aurum
nec suffere queat maioris pondera gemmae,
difficile est saturam non scribere*

Juv., I, 22-30

Quando um efeminado eunuco casa-se, Mévia transpassa um javali etrusco e com os seios nus segura os venábulo, quando desafia todos os patrícios com as suas riquezas um único homem cujo corte me fazia ressoar a dura barba de homem feito, quando parte da plebe do Nilo, um escravo de Canopo, Crispino, movimentando os ombros ajeita o seu manto de púrpura de Tiro e agita, durante o verão, o seu anel de ouro entre os dedos suados e não poderia suportar o peso de uma gema maior, é difícil não escrever sátira.

Como em um desfile são apresentados na primeira sátira os tipos que serão focalizados nas sátiras sucessivas: advogados desonestos e delatores, caçadores de testamentos, libertos *nouveaux-riches*, clientes, rufiões, tutores desonestos, magistrados que depredam as províncias, maridos que recebem herança dos amantes das esposas, pervertidos escandalosos, adúlteras, falsários, matronas que envenenam maridos e enteados. Uma quantidade tão grande de exemplos que, segundo o autor, seria possível escrever muitos livros somente com as cenas que alguém poderia presenciar permanecendo parado em uma esquina qualquer, pois *quando uberius uitiorum copia?* (I, 87).

Apesar da declaração categórica, tantas vezes justificada pelo poeta, de desejar adotar como gênero a sátira e como principal matéria da sua poesia a realidade quotidiana, que obviamente demandava o emprego de uma linguagem familiar, humilde e despretenciosa, há estudiosos que vêm na obra de Juvenal a intenção de fornecer à sátira um tom elevado que não é peculiar a esse gênero. Essa afirmação é fundamentada principalmente nos seguintes versos:

*fingimus haec altum satura sumente coturnum
scilicet, et finem egressi legemque priorum
grande Sophocleo carmen bacchamur hiatu,
montibus ignotum Rutilus caeloque Latino?*

Juv., VI, 634-637

criamos todas essas coisas com a sátira que coloca o alto coturno, naturalmente, também tendo saído dos limites e das regras dos antecessores, gritamos como as bacantes, com a grande boca de Sófocles, um canto sublime e desconhecido aos montes rútilos e ao céu latino?

Muitos consideram esses versos como a declaração, por parte de Juvenal, de uma mudança no seu estilo em direção a um plano mais elevado em comparação com os seus antecessores. Segundo esses críticos, o poeta admitiria a adoção de um estilo mais próximo à tragédia. Anderson, por exemplo, afirma que Juvenal na primeira das suas sátiras teria proclamado que, como gênero literário, a sátira poderia substituir a tragédia, a épica e todos os outros tipos de poesia elevada⁶. Na verdade Juvenal opõe o realismo da sátira, enquanto denúncia do vício, ao caráter fictício e à função evasiva da tragédia e da épica mas não deseja absolutamente elevar o estilo da sátira para igualá-la à grande poesia ou substituí-la. O que o autor realmente pretende demonstrar é a inadequação da tragédia e da épica, em razão do seu caráter evasivo fantástico, à denúncia dos vícios da sociedade contemporânea.

⁶ Cf. ANDERSON, op. cit., p. 251.

Uma posição diversa é apresentada por Bellandi⁷, o qual afirma que Juvenal realmente não abandona a realidade cotidiana pela fantasia mas, ainda assim, teria traído a lei da sátira no momento em que estilisticamente representa essa realidade em uma forma nova, substituindo o estilo humilde, o léxico e a construção sintática familiares por um tom solene e elevado. O estudioso acrescenta ainda que o tratamento do vício em qualidade de *monstrum*⁸ aproxima a sátira de Juvenal da tragédia. Essa afirmação não encontra respaldo nas sátiras onde absolutamente não se encontram representações do vício que lhe dêem dimensões grandiosas e tom trágico. Em relação a essa questão, concordo plenamente com Warren Smith que recusa a idéia da passagem da poesia de Juvenal a um plano mais elevado do que aquele dos seus predecessores; segundo o estudioso, que adota uma posição mais cauta em relação à questão, Juvenal na sexta sátira está reafirmando a sua adesão às convenções da sátira tradicional e quando o satírico veste criminosos contemporâneos com indumentos trágicos é para suscitar o riso e não para demonstrar sua intenção em aproximar-se do teatro trágico⁹. Realmente, em vários momentos da obra, pode-se verificar a extrema ironia que subjaz ao uso de temas ligados ao mito e a verdadeira dessacralização operada pelo poeta sobre esses mitos. Pessoalmente, acredito que, para compreender melhor o real posicionamento do autor, os versos VI, 634-638 devam ser contextualizados, ou melhor,

⁷ Cf. BELLANDI, F., *Poetica dell'«indignatio» e «sublime» satirico in Giovenale*, in *Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa* III, 1 (3ªS), 1973, pp. 53-94; contudo pode-se observar que o próprio Bellandi, no mesmo artigo, critica Juvenal por não escrever versos estilisticamente cuidados e polidos.

⁸ De acordo com BELLANDI, o termo *monstrum* é empregado freqüentemente por Juvenal para indicar alguma coisa que suscita igualmente horror e surpresa, aquilo de que não se consegue imaginar nada de mais tremendo e, ao mesmo tempo, de mais paradoxal. (Ibidem, p. 58)

⁹ Cf. SMITH, W. S., *Heroic Models for the Sordid Present: Juvenal's View of Tragedy*, in *ANRW* II, 33, 1, 1989, (pp. 811-823) p. 822; para qualquer discussão sobre essa questão, a leitura do seu artigo é imprescindível.

conectados aos versos anteriores nos quais Juvenal fala das mulheres que envenenam os maridos e enteados:

*oderunt natos de paelice; nemo repugnet,
nemo vetet, iam iam priuignum occidere fas est.
uos ego, pupilli, moneo, quibus amplior est res,
custodite animas et nulli credite mensae:
liuida materno feruent adipata ueneno.*
Juv., VI, 627-633

Odeiam os filhos da primeira mulher; ninguém opõe resistência, ninguém proíbe: é lícito há tempos matar o enteado. Eu vos aconselho, pupilos, que possuem um patrimônio maior, protegei as vossas vidas e não confiai em nenhuma mesa: fervem-se doces lívidos de veneno materno.

O poeta insiste que argumentos como estes, tratados pela sátira, correspondem à realidade, fazem parte real da crônica romana contemporânea. Seria portanto totalmente ilógico imaginar que Juvenal reivindique para a sua sátira o prestígio da tragédia. Ele simplesmente ressalta que a verdade crua apresentada pela sátira supera totalmente os temas mitológicos tratados pela tragédia: as Medéias da sátira não pertencem ao mito, mas à realidade:

*occurrent multae tibi Belides atque Eriphylae
mane, Clytemestram nullus non uicus habebit*
Juv., VI, 655-656

Muitas Danaides e Erífilas toparão contigo de manhã, não existe beco que não possuirá a sua Clitemnestra.

Outros versos, como os que retratam os caçadores de testamento, podem corroborar a afirmação de que o recurso a temas mitológicos da parte de Juvenal visa a

demonstrar que a realidade circundante iguala-se à tragédia, com situações ainda mais perversas e repugnantes do que os próprios mitos trágicos:

*nulla igitur mora per Nouium, mora nulla per Histrum
Pacuium, quin illud ebur ducatur ad aras
et cadat ante Lares Gallitae uictima sola
tantis digna deis et capitatoribus horum.
alter enim, si concedas, mactare uouebit
de grege seruorum magna et pulcherrima quaeque
corpora, uel pueris et frontibus ancillarum
inponet uittas et, si qua est nubilis illi
Iphigenia domi, dabit hanc altaribus, etsi
non sperat tragicae furtiua piacula ceruae*
Juv., XII, 111-120.

Nenhum obstáculo portanto para Nívio, nenhum para Histro Pacúvio de conduzir aquele marfim aos altares e oferecê-lo diante dos Lares de Galita como única vítima digna de deuses tão importantes e dos caçadores daqueles. Um pois, se lhe for consentido, prometerá sacrificar todos os grandes e mais belos corpos do bando dos seus escravos, ou colocará fitas sagradas aos pequenos escravos e às testas das criadas e se possui em casa qualquer Ifigênia em idade de casar oferecerá esta aos altares, embora não acredite na expiação furtiva da cerva da tragédia.

Para confirmar que na sexta sátira Juvenal está reafirmando a sua adesão às convenções da tradição satírica, podem ser oportunamente citados alguns versos da sátira XV, onde o poeta afirma que nenhum crime abordado pela tragédia pode ser comparado aos exemplos de crueldade do seu tempo:

*nam scelus, a Pyrrha quamquam omnia syrmata uoluas,
nullus apud tragicos populus facit. accipe nostro
dira quod exemplum feritas produxerit aevo*
Juv., XV, 30-33

Ainda que revires todas as tragédias desde o tempo de Pirra, certamente nenhum povo nas peças trágicas cometeu tal crime. Ouça que exemplo produziu na nossa época a funesta crueldade.

Estes versos, confrontados àqueles da sátira VI citados anteriormente, confirmam a afirmativa da não adesão de Juvenal aos gêneros elevados como a tragédia

e reforçam a opinião do poeta sobre a própria sátira, ou seja, um gênero apto a retratar a realidade, a vida cotidiana com os seus abusos e os seus vícios, os episódios de perversão, aconteçam em Roma, no Egito, ou num lugar qualquer. Além disso, o próprio Juvenal afirma que encontrar temas trágicos refletidos na sociedade do seu tempo seria propriamente um absurdo pois a moral naquela época, segundo o satírico, ultrapassava os piores aspectos do mito focalizados pela tragédia. Caso a hipótese da adoção de um estilo elevado por Juvenal fosse aceita, esta comportaria uma contradição, uma vez que o próprio poeta não aceita absolutamente a adoção dos gêneros da épica e da tragédia. O crime contemporâneo, como Juvenal demonstra repetidamente, não se presta a comparações com os crimes do mito.